

Fall
82
129731

Farewell e outros poemas

Pablo Neruda



Mercosur Lee

CHILE

"20" en *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*,
"La palabra" y "C.o.s.c." en *Plenos poderes* y "Farewell" en *Crepusculario*
© Agencia Balcells
© Fundación Pablo Neruda–Chile

Agradecemos la colaboración de Editorial Sudamericana

Imagen de tapa: Mariana Monteserín

Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075
campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

PABLO NERUDA

20

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.

Escrever, por exemplo: "A noite está estrelada,
e tiritam, azuis, os astros, ao longe".

O vento da noite gira no céu e canta.

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.
Eu a quis e, às vezes, ela também me quis.

Nas noites como esta tive-a entre os meus braços.
Beiei-a tantas vezes sob o céu infinito.

Ela me quis, às vezes eu também a queria.
Como não ter amado seus grandes olhos fixos.

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.
Pensar que não a tenho. Sentir que a perdi.

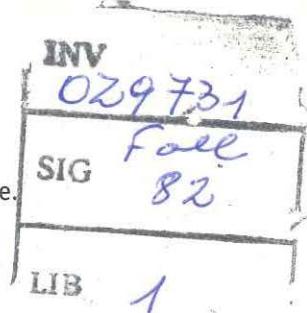
Ouvir a noite imensa, mais imensa sem ela.
E o verso cai na alma como no pasto o orvalho.

Que importa que o meu amor não pudesse guardá-la.
A noite está estrelada e ela não está comigo.

Isso é tudo. Ao longe alguém canta. Ao longe.
Minha alma não se conforma com tê-la perdido.

Como para aproximá-la meu olhar a procura.
Meu coração a procura, e ela não está comigo.

A mesma noite que faz branquear as mesmas árvores.



Nós, os de então, já não somos os mesmos.
Já não a quero, é verdade, mas quanto a quis.
Minha voz procurava o vento para tocar seu ouvido.

De outro. Será de outro. Como antes dos meus beijos.
Sua voz, seu corpo claro. Seus olhos infinitos.

Já não a quero, é verdade, mas talvez a quero.
É tão curto o amor, e tão longo o esquecimento.

Porque em noites como esta eu a tive entre os meus braços,
minha alma não se contenta com tê-la perdido.

Ainda que esta seja a última dor que ela me cause,
e estes sejam os últimos versos que eu lhe escreva.

C.o.s.c

Morreu este meu amigo que se chamava Carlos,
não interessa quem, não perguntam, não sabem,
tinha a bondade do bom pão na mesa
e um ar melancólico de cavaleiro ferido.

Não é ele e é ele, é tudo, é a morte que toca
na porta,
de tão bom que era Carlos foi abrir,
e dentre tantos que aquela noite abriram essa porta
só ele ficou fora,

ele dentre tantos homens agora já não volta.
E sua ausência me fere como se me chamassem,
como se continuasse na sombra me esperando.
Se eu tivesse escolhido para este fim de um dia
uma dor entre tantas que me espreitam
não teria afastado seu rosto da noite,
injustamente teria passado sem lembrança,
sem mencioná-lo, e assim não teria morrido
para mim, sua cabeça continuaria cinza
e seus tranqüilos olhos que agora não olham mais
continuariam abertos nas torres do México.

Da morte esquecer o mais recente ramo,
desconhecer o rumo, a proa ou a adega
onde meu amigo viaja só ou amontoado
e a esta hora ainda achá-lo dono do dia,
ainda dono daquela claridade soridente
que distribuiu entre tantas tarefas e pessoas.

Escrevo estas palavras no meu livro pensando
que este desnudo adeus em que não está presente
esta simples carta que não tem resposta,
não é nada mais que pó, nuvem, tinta, palavras
e a única verdade é que meu amigo morreu.

FAREWELL

1

Do fundo de ti, e ajoelhada,
Uma criança triste, como eu, nos olha.

Por essa vida que arderá nas suas veias
teriam que se amarrar as nossas vidas.

Por essas mãos, filhas das tuas mãos,
teriam que matar as minhas mãos.

Pelos seus olhos abertos na terra
verei nos teus lágrimas de um dia.

2

Eu não a quero, Amada.

Para que nada nos amarre
que não nos una nada.

Nem a palavra que perfumou tua boca,
nem o que não disseram as palavras.

Nem a festa de amor que não tivemos,
nem teus soluços junto da janela.

3

(Amo o amor dos marinheiros
que beijam e se vão.

Deixam uma promessa.
Não voltam nunca mais.

Em cada porto uma mulher espera;
os marinheiros beijam e se vão.

Uma noite se deitam com a morte
no leito do mar.

4

Amo o amor que se reparte
em beijos, leito e pão.

Amor que pode ser eterno
e pode ser fugaz.

Amor que quer libertar-se
para voltar a amar.

Amor divinizado que se acerca.
Amor divinizado que se vai.)

5

Já não se encantarão os meus olhos em teus olhos,
ya não se adoçará junto a ti a minha dor.

Mas onde quer que eu vá levarei teu olhar
e onde quer que vás levarás a minha dor.

Fui teu, foste minha. Que mais? Juntos fizemos
uma curva no caminho onde o amor passou.

Fui teu, foste minha. Tu serás de quem te ame,
de quem corte no teu horto o que eu semeei.

Eu parto. Estou triste; mas sempre estou triste.
Venho dos teus braços. Não sei para onde vou.

... Do teu coração me diz adeus uma criança.
E eu lhe digo adeus.

A PALAVRA

Nasceu
a palavra no sangue,
cresceu no corpo escuro, latejando,
e voou com os lábios e a boca.

Mais longe e mais perto
ainda, ainda chegava
de pais mortos e de errantes razas,
de territórios que se tornaram pedra,
que se cansaram das suas pobres tribos,
porque quando a dor surgiu no caminho
os povos andaram e chegaram
e nova terra e água acharam
para semear novamente sua palavra.

E assim a herança é esta:
este é o ar que nos comunica
com o homem enterrado e com a aurora
de novos seres que ainda não surgiram.

Ainda a atmosfera treme
com a primeira palavra
elaborada
com pânico e gemido.
Saiu
das trevas

e até agora não há trovão
que ainda troveje com sua ferrajaria
como aquela palavra,
a primeira
palavra pronunciada:
talvez foi somente um sussurro, uma gota,
e ainda cai e cai sua catarata.

Logo o sentido enche a palavra.
Ficou prenha e se encheu de vidas.
Todo foi nascimentos e sons:
a afirmação, a claridade, a força,
a negação, a destruição, a morte:
o verbo assumiu todos os poderes
e fundiu-se existência com essência
na eletricidade da sua beleza.

Palavra humana, sílaba, cadeira
de longa luz e dura prataria,
hereditária taça que recebe
as comunicações do sangue:
aqui o silêncio foi integrado
pelo total da palavra humana
e não falar é morrer entre os seres:
até a cabeleira se torna linguagem,
a boca fala sem mexer os lábios:
os olhos de repente são palavras.

Eu tomo a palavra e a percorro
como se fosse somente forma humana,
embelezam-me suas linhas e navego
em cada ressonância do idioma:
pronuncio e sou e sem falar me acerca
ao fim das palavras, ao silêncio.

Bebo pela palavra levantando
uma palavra ou taça cristalina,
nela bebo
o vinho do idioma
ou a água interminável,
manancial maternal das palavras,
e taça e água e vinho
originam meu canto
porque o verbo é origem
e verte vida: é sangue,
é o sangue que expressa sua substância
e está disposto assim seu desenvolver:
dão cristal ao cristal, sangue ao sangue,
e dão vida à vida as palavras.

PABLO NERUDA

20

Puedo escribir los versos más tristes esta noche.

Escribir, por ejemplo: "La noche está estrellada,
y tiritan, azules, los astros, a lo lejos".

El viento de la noche gira en el cielo y canta.

Puedo escribir los versos más tristes esta noche.
Yo la quise, y a veces ella también me quiso.

En las noches como ésta la tuve entre mis brazos.
La besé tantas veces bajo el cielo infinito.

Ella me quiso, a veces yo también la quería.
Cómo no haber amado sus grandes ojos fijos.

Puedo escribir los versos más tristes esta noche.
Pensar que no la tengo. Sentir que la he perdido.

Oír la noche inmensa, más inmensa sin ella.
Y el verso cae al alma como al pasto el rocío.

Qué importa que mi amor no pudiera guardarla.
La noche está estrellada y ella no está conmigo.

Eso es todo. A lo lejos alguien canta. A lo lejos.
Mi alma no se contenta con haberla perdido.

Como para acercarla mi mirada la busca.
Mi corazón la busca, y ella no está conmigo.

La misma noche que hace blanquear los mismos árboles.

Nosotros, los de entonces, ya no somos los mismos.
Ya no la quiero, es cierto, pero cuánto la quise.
Mi voz buscaba el viento para tocar su oído.

De otro. Será de otro. Como antes de mis besos.
Su voz, su cuerpo claro. Sus ojos infinitos.

Ya no la quiero, es cierto, pero tal vez la quiero.
Es tan corto el amor, y es tan largo el olvido.

Porque en noches como ésta la tuve entre mis brazos,
mi alma no se contentó con haberla perdido.

Aunque éste sea el último dolor que ella me causa,
y éstos sean los últimos versos que yo le escribo.

C.o.s.c

Ha muerto este mi amigo que se llamaba Carlos,
no importa quién, no preguntén, no saben,
tenía la bondad del buen pan en la mesa
y un aire melancólico de caballero herido.

No es él y es él, es todo, es la muerte que toca
la puerta,
de puro bueno salió a abrirle Carlos,
y entre tantos que abrieron esa noche la puerta
él sólo quedó afuera,

él entre tantos hombres ahora ya no vuelve.
Y su ausencia me hiere como si me llamara,
como si continuara en la sombra esperándome.
Yo si hubiera escogido para este fin de un día
un dolor entre tantos que me acechan
no hubiera separado de la noche su rostro,
injustamente hubiera pasado sin recuerdo,
sin nombrarlo, y así no hubiera muerto
para mí, su cabeza continuaría gris
y sus tranquilos ojos que ahora ya no miran
seguirían abiertos en las torres de México.

De la muerte olvidar el más reciente ramo,
desconocer el rumbo, la proa o la bodega
en que mi amigo viaja solo o amontonado
y a esta hora creerlo aún dueño del día,
aún dueño de aquella claridad sonriente
que repartió entre tantas tareas y personas.

Escribo estas palabras en mi libro pensando
que este desnudo adiós en que no está presente
esta carta sencilla que no tiene respuesta,
no es nada sino polvo, nube, tinta, palabras
y la única verdad es que mi amigo ha muerto.

FAREWELL

1

Desde el fondo de ti, y arrodillado,
un niño triste, como yo, nos mira.

Por esa vida que arderá en sus venas
tendrían que amarrarse nuestras vidas.

Por esas manos, hijas de tus manos,
tendrían que matar las manos mías.

Por sus ojos abiertos en la tierra
veré en los tuyos lágrimas un día.

2

Yo no la quiero, Amada.

Para que nada nos amarre
que no nos una nada.

Ni la palabra que aromó tu boca,
ni lo que no dijeron las palabras.

Ni la fiesta de amor que no tuvimos,
ni tus sollozos junto a la ventana.

3

(Amo el amor de los marineros
que besan y se van.

Dejan una promesa.
No vuelven nunca más.

En cada puerto una mujer espera:
los marineros besan y se van.

Una noche se acuestan con la muerte
en el lecho del mar.

4

Amo el amor que se reparte
en besos, lecho y pan.

Amor que puede ser eterno
y puede ser fugaz.

Amor que quiere libertarse
para volver a amar.

Amor divinizado que se acerca.
Amor divinizado que se va.)

5

Ya no se encantarán mis ojos en tus ojos,
ya no se endulzará junto a tí mi dolor.

Pero hacia donde vaya llevaré tu mirada
y hacia donde camines llevarás mi dolor.

Fui tuyo, fuiste mía. ¿Qué más? Juntos hicimos
un recodo en la ruta donde el amor pasó.

Fui tuyo, fuiste mía. Tú serás del que te ame,
del que corte en tu huerto lo que he sembrado yo.

Yo me voy. Estoy triste; pero siempre estoy triste.
Vengo desde tus brazos. No sé hacia dónde voy.

... Desde tu corazón me dice adiós un niño.
Y yo le digo adiós.

LA PALABRA

Nació
la palabra en la sangre,
creció en el cuerpo oscuro, palpitando,
y voló con los labios y la boca.

Más lejos y más cerca
aún, aún venía
de padres muertos y de errantes razas,
de territorios que se hicieron piedra,
que se cansaron de sus pobres tribus,
porque cuando el dolor salió al camino
los pueblos anduvieron y llegaron
y nueva tierra y agua reunieron
para sembrar de nuevo su palabra.
Y así la herencia es ésta:
éste es el aire que nos comunica
con el hombre enterrado y con la aurora
de nuevos seres que aún no amanecieron.

Aún la atmósfera tiembla
con la primera palabra
elaborada
con pánico y gemido.
Salió
de las tinieblas

y hasta ahora no hay trueno
que truene aún con su ferretería
como aquella palabra,
la primera
palabra pronunciada:
tal vez sólo un susurro fue, una gota,
y cae y cae aún su catarata.

Luego el sentido llena la palabra.
Quedó preñada y se llenó de vidas.
Todo fue nacimientos y sonidos:
la afirmación, la claridad, la fuerza,
la negación, la destrucción, la muerte:
el verbo asumió todos los poderes
y se fundió existencia con esencia
en la electricidad de su hermosura.

Palabra humana, sílaba, cadera
de larga luz y dura platería,
hereditaria copa que recibe
las comunicaciones de la sangre:
he aquí que el silencio fue integrado
por el total de la palabra humana
y no hablar es morir entre los seres:
se hace lenguaje hasta la cabellera,
habla la boca sin mover los labios:
los ojos de repente son palabras.

Yo tomo la palabra y la recorro
como si fuera sólo forma humana,
me embelesan sus líneas y navego
en cada resonancia del idioma:
pronuncio y soy y sin hablar me acerca
al fin de las palabras, al silencio.

Bebo por la palabra levantando
una palabra o copa cristalina,
en ella bebo
el vino del idioma
o el agua interminable,
manantial maternal de las palabras,
y copa y agua y vino
originan mi canto
porque el verbo es origen
y vierte vida: es sangre,
es la sangre que expresa su substancia
y está dispuesto así su desarrollo:
dan cristal al cristal, sangre a la sangre,
y dan vida a la vida las palabras.

PABLO NERUDA

Pablo Neruda –Neftalí Ricardo Reyes Basoalto– (Parral, Chile, 1904 - Santiago de Chile, 1973) comenzó muy pronto a escribir poesía y en 1921 publicó *La canción de la fiesta*, su primer poema, con el seudónimo de Pablo Neruda, en homenaje al poeta checo Jan Neruda, nombre que mantuvo a partir de ese momento y que legalizó en 1946. A los diecisésis años publicó sus primeros poemas en la revista *Claridad*. Tras publicar algunos libros de poesía, en 1924 alcanzó fama internacional con *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*. Los problemas económicos le indujeron a emprender, en 1926, la carrera consular que lo llevó a residir en Birmania, Ceylán, Java, Singapur y, entre 1934 y 1938, en España, donde se relacionó con García Lorca, Aleixandre, Gerardo Diego y otros componentes de la llamada Generación del 27, y fundó la revista *Caballo Verde para la Poesía*. Desde su primer manifiesto tomó partido por una «poesía sin pureza» y próxima a la realidad inmediata, en consonancia con su toma de conciencia social. En tal sentido, apoyó a los republicanos al estallar la guerra civil y escribió *España en el corazón*. De regreso en Chile, en 1939 ingresó en el Partido Comunista y su obra experimentó un giro hacia la militancia política que culminó con la exaltación de los mitos americanos de su *Canto general*. En 1945 fue el primer poeta en ser galardonado con el Premio Nacional de Literatura de Chile. Al mismo tiempo, desde su escaño de senador utilizó su oratoria para denunciar los abusos y las desigualdades del sistema. Tal actitud provocó la persecución gubernamental y su posterior exilio en Argentina. De allí pasó a México, y más tarde viajó por la URSS, China y los países de Europa Oriental. Tras este viaje, durante el cual escribió poemas laudatorios y propagandísticos, recibió el Premio Lenin de la Paz y volvió a Chile. Su prestigio internacional fue reconocido en 1971, año en que se le concedió el Premio Nobel de Literatura. El año anterior había renunciado a la candidatura presidencial en favor de Salvador Allende, quien lo nombró poco después embajador en París. Dos años más tarde, ya gravemente enfermo, regresó a Chile. De publicación póstuma es la autobiografía *Confesión que he vivido*. Luego del golpe militar y la trágica muerte de Salvador Allende, muere en el año 1973.



PRESIDENCIA de la NACIÓN

MINISTERIO de
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

